



ANGELITA HABR-GAMA

Habib Fraiha Neto

Membro Titular da Academia de Medicina do Pará

Discurso de saudação a ela como novo Membro Honorário

Boa noite, caríssimos confrades, membros da Academia de Medicina do Pará. Boa noite aos nossos nobres convidados desta noite, Dra. Angelita Habr-Gama e seu digno esposo, Prof. Dr. Joaquim José Gama Rodrigues. Boa noite, senhoras e senhores.

A Academia de Medicina do Pará tem a subida honra de nesta noite promover sessão solene para aclamação do maior de todos os nomes femininos da Cirurgia nacional e conceder-lhe, com a mais justa das razões, a homenagem máxima que lhe cabe conferir, agraciando-a com o título de Membro Honorário do nosso silogeu.

É que a nossa brilhante contrerrânea, Dra. Angelita Habr-Gama, originária da ilha do Marajó, vem de ser reconhecida e aclamada pela Universidade Stanford (EUA), como uma das médicas que mais contribuíram para o desenvolvimento da Ciência mundial, incluída entre os 2% de cientistas mais citados em artigos científicos no mundo, segundo relatório elaborado por uma equipe de cientistas liderada pelo Prof. John Ioannidis, da Stanford, em parceria com a famosa editora Elsevier, empresa editorial holandesa especializada no domínio da produção científica mundial.

Tal galardão, entre nós tão valorizado pela elite científica integrante do quadro social de nossa entidade, não haveria de passar despercebido, nem perderíamos a oportunidade de celebrar sua origem, paraoara como a nossa. Sim, meus caros, Angelita nos enche do mais justo orgulho de sua naturalidade amazônica, nascida no recôndito marajoara, filha de imigrantes libaneses que aqui vieram

em busca de melhores dias dedicados ao comércio e à pecuária, como operoso e honesto ganha-pão.

Ele, Kalil Nader Haber, viera do Líbano aos 17 anos, jovem de boa aparência, falando perfeitamente o francês, atraído por insistente convite de seu irmão Féres, que lhes assegurava em carta, a ele e a suas irmãs: “Venham, aqui estou enriquecendo”. Logo conheceria Nagibe, aqui chegada desde criança. E a desposou quando ela contava apenas 16 anos de idade.

Em pouco tempo Kalil se tornaria um fazendeiro, comerciante e marchante bem-sucedido. Como marchante, fornecia gado para os matadouros que abasteciam os açougues da região. Tinha mais de 40 empregados. O Marajó era rico. Enquanto um grama de ouro valia 12 mil-réis, um quilograma de plumas de garça valia 15, dada a sua utilidade, àquela época, na produção de chapéus femininos. Kalil logo prosperou.

Nascida em Cachoeira do Arari, no leste da ilha do Marajó, a 25 de julho de 1931, Angelita ali recebeu o ensino das primeiras letras numa pequena escola, sob o desvelo de seus pais, muito atentos à melhor educação para seus filhos.

A vida na fazenda lhes era particularmente aprazível. Mais tarde, já adulta, vamos vê-la referir-se à alimentação saudável, à base do leite de búfala, queijos e outros produtos da propriedade de seus pais. Como referir-se, com certa nostalgia, às vitórias-régias a flutuar nas águas ao redor do barco que diariamente a levava para a escola, suas flores exalando um perfume adocicado ainda hoje não esquecido, e um colorido que marcou igualmente sua memória infante até estes nossos dias.

Desde criança muito vaidosa, só se permitia sair de casa “muito bem produzida”, como no dizer de hoje, pela devotadíssima babá Amélia: laço de fita nos cabelos cacheados, pés calçados com meia e sapatos, bolsinha nas mãos, um capricho só.

Um dia, porém, sua família haveria de ser surpreendida por um trágico revés: Nader, segundo filho do casal Nagibe e Kalil, então com 14 anos de idade, sentiu-se mal e voltou da escola vomitando. O pai estava viajando, a serviço de seus negócios. Sua mãe chamou um médico conhecido, que infelizmente não percebeu a gravidade do quadro. O garoto continuou piorando. Um vizinho, estudante de medicina, percebendo o vacilo médico, aconselhou que o internassem imediatamente. Tarde demais. No hospital identificaram apendicite supurada e o menino acabou falecendo. Uma realidade arrasadora.

Logo começaram a surgir comentários de que, ali permanecendo, outras perdas poderiam ocorrer entre seus filhos. Decidiram abandonar o Marajó e sair em busca de uma vida mais segura e de melhor educação para os filhos. Inicialmente em Belém, depois em São Paulo.

O pai foi adiante dos seus. Estes, terminaram tomando um vapor da Companhia Nacional de Navegação Costeira, um dos famosos Itas, rumo à Pauliceia, onde nossa Angelita haveria de dar asas a todo o imenso talento de cura que Deus lhe havia de conceder, e que tanto hoje nos embevece, inspira e queremos exaltar.

Angelita cursou todo o primário no Grupo Escolar Marechal Floriano, na Vila Mariana. Lá ouviu das melhores alunas referências elogiosas à Escola Caetano de Campos, na Praça da República, dirigida por uma educadora dita revolucionária, chamada Carolina Ribeiro.

“Preparei-me para o concurso de admissão e fui aprovada. Lá cursei todo o ginásial e fui muito bem preparada. Professora Carolina era notável, dotada de grande visão sobre os processos e reformas educacionais, cultivando preceitos renovadores, tanto que chegou a exercer a Secretaria Estadual de Educação com uma competência considerada modelar, paradigmática”.

Concluído o curso ginásial, optou pelo científico e entrou no Colégio Estadual Presidente Roosevelt, na Rua São Joaquim, na Liberdade, à época uma grande instituição de ensino público. Foram anos de intenso aprendizado, com professores excepcionais. A turma era mista, moças e rapazes. Fundaram um time de vôlei que se tornou famoso. Campeões estaduais em 1951.

Estudiosíssima, assídua frequentadora da Biblioteca Municipal Mário de Andrade, na Rua da Consolação, inclusive durante as férias. Era um “rato de biblioteca”. Sempre gostou de ler e anotava tudo.

Era, então, chegada a hora de decidir o que fazer e não conseguia identificar sua vocação. Como, porém, quase todas as colegas do vôlei estavam se encaminhando para o vestibular de Medicina na USP, Angelita, que tanto amava aquela turma, decidiu fazer o mesmo.

Um dia comunicou-o a seus pais: “Vou fazer Medicina!”.

– “Medicina? O que te deu na cabeça? Nem pensar. Vai ser professora.” Esta era a tradição em sua família. Suas duas irmãs mais velhas, Alice e Latife, seguiam o magistério.

Protestou: “Nem pensar? Nem pensar digo eu, pois vou fazer Medicina!”. Bateu o pé. “E sabiam que quando eu decidia, de nada adiantaria discordar. Acabaram aceitando”.

No dia das inscrições para o concurso vestibular seu pai levou-a todo orgulhoso em seu carro novo. Lá chegando, assustaram-se com a quantidade de gente. Parecia haver mais de mil candidatos. Fizeram as provas. Eram, na verdade, apenas seiscentos, para as 80 vagas. Angelita passara todo aquele ano estudando febrilmente, preparando-se para o extraordinário desafio.

Numa inesquecível manhã de sol aconteceu a proclamação dos resultados do concurso. Angelita compareceu uma vez mais acompanhada pelo pai. Ambos nervosíssimos. O secretário da Faculdade postou-se, imponentemente, na escadaria por detrás do busto de Dr. Arnaldo Vieira de Carvalho, com a lista dos aprovados nas mãos. E começou a ler: “Primeiro lugar, Gerhard Malnic”. Era o que todos esperavam. Um jovem austríaco naturalizado, amplamente reconhecido pela extraordinária inteligência, dedicação e por estar muito bem preparado. Um superdotado.

Em seguida chamou o segundo colocado, o terceiro, o quarto. Angelita ouviu o pai sussurrar para si mesmo: “Ela não vai entrar, vai ter de se conformar com o magistério”. Enquanto isso, ela permanecia quieta. Tinha certeza de que ia passar, não importava a classificação. E vieram o quinto, o sexto e o sétimo colocados. Então o secretário anunciou: “Oitavo lugar, Angelita Kalil Habr”. O melhor de tudo é que a diferença entre ela e o primeiro colocado era de apenas centésimos!

Angelita cursou Medicina na Universidade de São Paulo, de 1952 a 1957. Ao longo dos seis anos de Faculdade, conquistou lideranças com seu jeito muito simpático de ser, seu espírito esportivo, inovador, seu permanente bom-humor. Por influência sua foi inaugurada na Faculdade a seção feminina de vôlei, antes inexistente, incluindo participação nos jogos tradicionais da Mac-Med, disputados entre alunos de Engenharia do Instituto Presbiteriano Mackenzie e da Faculdade de Medicina da USP. Logo chegaria à Presidência do Departamento Feminino da Associação Atlética – o departamento esportivo do Centro Acadêmico Oswaldo Cruz (CAOC).

Como sempre aplicadíssima, entusiasmada com o valor de alguns dos membros docentes, soube valer-se por exemplo da influência do notável Professor Luiz Décourt, de Cardiologia para, ainda no terceiro ano de Medicina, ensaiar seus primeiros passos no campo da pesquisa, elaborando um primeiro artigo científico, intitulado “O fundo de olho na hipertensão arterial”, que resultou considerado excelente e foi selecionado para apresentação em congresso médico em Recife.

Ao dar-se conta de que eram os próprios rapazes alunos da Faculdade que preparavam suas fantasias para as apresentações do famoso SHOW MEDICINA – e que eram muito malfeitas –, decidiu-se entrar em campo. Valendo-se de haver concluído em São Paulo, com grande aproveitamento, um curso de corte e costura com uma amiga de sua mãe, convocou para ajudá-la uma colega mais adiantada que também sabia costurar. Levaram uma máquina de costura portátil para o porão da Faculdade e ali passaram a confeccioná-las. Logo ela seria reconhecida e festejada pela Criação do Setor de Costura do Show Medicina.

Esta sua destreza no corte e costura, aliás, haveria de ser-lhe particularmente útil no desenvolvimento de sua rara habilidade cirúrgica, que tanto a encorajaria em momentos de tensão condicionados pelo preconceito dos cirurgiões em geral contra a mulher no campo da cirurgia.

O sexto ano de Faculdade correspondeu ao internato no Hospital das Clínicas em seus diversos setores: Clínica Médica, Cirurgia, Pediatria, Obstetrícia e Moléstias Infecciosas. Ao concluir o internato no HC, inscreveu-se para Cirurgia e teve de sustentar verdadeira guerra contra o preconceito vigente entre os cirurgiões. Tentaram de tudo para fazê-la desistir, pois para eles a mulher ao se casar teria que se dividir entre a profissão e o lar; depois viriam os filhos; enfim, haveria uma divisão que resultaria em prejuízo à Medicina. A fim de bloquearem a candidata petulante, professores planejaram um exame rigorosíssimo. Quarenta candidatos concorriam a oito vagas ofertadas. Pois bem: classificou-se em primeiro lugar, com a nota máxima!

Graduou-se em Medicina em dezembro de 1957. Foi então fotografada ao lado dos colegas de turma em frente ao prédio da Faculdade, tendo ao centro o Paraninfo, Professor Samuel Pessôa, considerado a maior expressão da Parasitologia Médica em toda a América Latina.

Fez Residência em Cirurgia Geral no Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. Atuou, depois, em diversos hospitais da cidade de São Paulo: no Hospital do Servidor Público Estadual, no Hospital da Beneficência Portuguesa e no Hospital Alemão Oswaldo Cruz. Mas sua ligação maior foi, realmente, com este último.

Em 1964 foi empossada no Colégio Brasileiro de Cirurgiões, órgão do qual mais tarde viria a ser Vice-Presidente nacional e Membro Honorário.

Em pouco tempo se firmaria como cirurgiã de rara competência, destacando-se pela técnica apurada, pela surpreendente agilidade, pelo talento inato, pelo esmero e paixão à arte que abraçara.

Em 1966 concluiu o Doutorado em Medicina, após defender tese sobre a “Motilidade do Cólon e do Reto”, orientada pelo Professor Alípio Corrêa Netto.

Certo dia compareceu a um Congresso Latinoamericano de Proctologia na Argentina, e teve a ventura de assistir à conferência do famoso patologista do St Mark’s Hospital (único nosocômio no mundo dedicado exclusivamente à Colonoproctologia): Dr. Basil Morson, Diretor Acadêmico daquela instituição e uma das estrelas do evento em Buenos Ayres. Ficou maravilhada com o que viu e ouviu. Ao retornar ao Brasil, revelou ao amigo e orientador de sua tese de Doutorado, Prof. Alípio Corrêa Netto, sua irrevogável decisão de ir a Londres para um estágio no Hospital St Mark’s, rogando-lhe que elaborasse uma carta de recomendação. Ele aceitou e a redigiu.

Angelita a encaminhou ao Dr. Morson e recebeu dele um soleníssimo não, argumentando que o hospital, em toda sua longa existência de mais de cem anos, jamais havia recebido uma médica estagiária. Era um instituto para homens, não para mulheres. Não via como abrir precedentes.

Não contava, porém, com a tenacidade de Angelita, que jamais lhe permitiria desistir. E ela insistiu: “Aceitem-me. Os senhores vão ficar satisfeitos, vão gostar de mim. Preciso ir para o St Mark’s. Minha vida e minha carreira dependem disso”. Tanto insistiu, em reiteradas missivas, que após algum tempo Dr. Morson acabou se rendendo e ela foi aceita para estágio no famoso hospital.

O mais saboroso em todo este relato é o fato de que aquele compromisso aparentemente tão ingênuo de Angelita em suas cartas ao Dr. Morson, realmente se cumpriu. Com o tempo conquistaria ela a simpatia e o respeito dos cirurgiões ingleses, que lhe haveriam de

conceder, um dia, o honroso título de Honorary Fellow of The Royal College of Surgeons of England.

A partir daí dedicar-se-ia, definitivamente, à Cirurgia Colonoproctológica.

De volta ao Brasil, deixou-se capitular ante à paciente espera de anos daquele que em silêncio sempre pretendia conquistar-lhe o coração: seu contemporâneo de Faculdade, Dr. Joaquim José Gama Rodrigues. Casaram-se em dezembro de 1964. Na ausência de seu pai, recentemente falecido, deixou-se conduzir ao altar pelo mestre e amigo Professor Alípio Corrêa Netto, um dos padrinhos do casamento, então orientador de sua tese de doutorado.

Em 1972 conquistou o título de Livre-Docente e em 1998 foi aprovada em Concurso para Professor Titular de Cirurgia da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.

Em 2004 foi distinguida com o honroso título de Professora Emérita da mesma Universidade.



Dra. Angelita Habr-Gama, Professora Emérita
Retrato a óleo sobre tela.

Do acervo do Museu da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo

Já era, então, imenso o seu prestígio nacional e internacional, venerada por ex-alunos e discípulos. Sua dedicação à pesquisa rendeu notável produção científica.

Vejamos apenas algumas das mais de cinquenta significativas homenagens que lhe têm sido prestadas em inúmeros países do mundo:

Membro Honorário de nossa congênere Academia de Medicina de São Paulo. São, aliás, numerosos os títulos de Membro Honorário a ela outorgados. Só aqui contam-se dezessete, que veremos individualmente a seguir, em ordem cronológica:

Miembro Honorario de la Sociedad Paraguaya de Coloproctología (1992);

Miembro Honorario de la Asociación Latinoamericana de Coloproctología (1997);

Miembro Honorario de la Sociedad Chilena de Coloproctología (1998);

Miembro Honorario de la Academia Nacional de Medicina, de Argentina (1999);

Membro Honorário do Colégio Brasileiro de Cirurgiões (2001);

Honorary Fellow of the American Surgical Association (2002). Primeira mulher a receber este título;

Membro Honorário da Sociedade Brasileira de Coloproctologia (2003);

Honorary Fellow of the American College of Surgeons (outubro de 2004);

Honorary Fellow of the European Society of Coloproctology (2006);

Honorary Fellow of the European Surgical Association (em 2006) (primeira médica latino-americana e primeira mulher a integrar o seleto grupo de 17 membros honorários dessa instituição;

Miembro Honorario de la Asociación Ecuatoriana de Coloproctología (2008);

Membro Onorario della Società Italiana di Chirurgia (2010);

Honorary Fellow of the American Society of Colon and Rectal Surgeons (2012);

Como vimos, em 2012 foi agraciada com o título de Honorary Fellow of the Royal College of Surgeons of England;

Miembro Honorario de la Asociacion Argentina de Cirugia (2013);

Miembro Honorario de la Sociedad Argentina de Coloproctología (2013);

Honorary Fellow of the American Society for Radiation Oncology – ASTRO (2014);

Honorary Fellow of the European Society of Radiation Oncology – ESTRO (2019);

Outros prêmios e condecorações:

Prêmio Fernando Vaz, da Academia Nacional de Medicina (1970);

Em setembro de 2006 foi laureada pelo Governo do Estado de São Paulo com a Gran-Cruz da Ordem do Ipiranga, a mais alta condecoração concedida pelo Estado;

Em janeiro de 2010 conquistou o Prêmio Conrado Wessel de Medicina, destinado a agraciar personalidades ou entidades de reconhecimento nacional nos campos das Artes, da Ciência, da Medicina e da Cultura, mediante critérios e normas previstos em regulamento específico, tanto pela Diretoria Executiva (presidida por meu diletíssimo amigo Dr. Erney Plessman Camargo, ilustre médico e cientista brasileiro, Professor Emérito do Instituto de Ciências Biomédicas da USP), cuja simples presença já nos assegura a lisura no processo de escolha dos laureados, e pelo Conselho Curador da Fundação Conrado Wessel, entidade de natureza filantrópica destinada a apoiar atividades culturais, artísticas e científicas em nosso país, que em 2002 criou o Prêmio Fundação Conrado Wessel, láurea de grande prestígio, anualmente concedida.

Em 2011 Dra. Angelita conquistou também o Troféu Guerreiro da Educação, Prêmio de Professor Emérito concedido pelo Centro de Integração Empresa-Escola (CIEE) e pelo jornal O Estado de São Paulo, a personalidades que dedicaram a vida à arte de ensinar.

Em 1991 deu início à mudança de paradigma no tratamento do Câncer de Reto distal, criando na FMUSP a estratégia “Watch and Wait”, que preconiza o uso da rádio e da quimioterapia neoadjuvantes para o tratamento do câncer do reto, tornando desnecessário o tratamento cirúrgico, inclusive o infortúnio da colostomia, em cerca de 60% dos casos, estratégia hoje em franca aceitação, apesar da enorme reação contrária inicialmente suscitada.

Pois bem, em 2013 conquistou o Prêmio Best Paper Award com importante trabalho apresentado sobre o tema ao Congresso Anual

da American Society of Colon and Rectal Surgeons, em San Antonio, Texas. E, no mesmo ano, o Prêmio “Society’s Robert W. Beart, The Impact Paper of the Year Award”, de autoria de Angelita Habr-Gama; Jorge Sabbaga; Joaquim Gama-Rodrigues, cujo título pode ser assim entendido: Watch and Wait (Assista e espere), após a químio/radioterapia neoadjuvante para o câncer do reto distal. Estamos nos aproximando da cura do câncer anal? Artigo publicado no periódico *Diseases of the Colon and Rectum*, v. 56, n. 10, p. 1109-1117, oct. 2013.

Anos depois, o mesmo periódico publicaria importante reportagem de capa sobre a autora do grande feito.

No ano seguinte, o Instituto do Câncer do Estado de São Paulo a distinguiria com a outorga do Prêmio Octavio Frias de Oliveira.

Neste ano de 2022 Dra. Angelita foi agraciada pelo Ministério da Saúde do Brasil com a Ordem do Mérito Médico, Grau Grande Oficial.

Dra. Angelita presidiu o Colégio Brasileiro de Cirurgia Digestiva no período de 2007 a 2009. Presidiu também, no período de 2008 a 2010, a International Society of University Colon and Rectal Surgeons, fundada na cidade do México em novembro de 1962.

Permitam-me abrir aqui um parêntese para referir-lhes um momento particularmente venturoso por ela vivido entre nós: durante gestão de nosso caro confrade Prof. Henrique José Ribeiro Neto, como Mestre do Capítulo do Pará do Colégio Brasileiro de Cirurgiões, Dra. Angelita foi por ele convidada a comparecer ao XIII Congresso Médico Amazônico em novembro de 2006, a fim de ministrar um curso de atualização em Coloproctologia, que resultou em extraordinário sucesso de público. Anos antes, no início da década de 1980, também por ele convidada em circunstâncias semelhantes, nossa ilustre conterrânea foi gentilmente levada pelo saudoso colega, médico e piloto, Dr. Eduardo Ruy Chaves, em seu avião particular, a rever suas origens em Cachoeira do Arari, no Marajó, proporcionando-lhe, no dizer de seu esposo Dr. Gama, inextinguível emoção. Lamentavelmente parece não haver qualquer registro fotográfico dos momentos tão felizes por ela então vividos por aqui.

Em 1996 Dra. Angelita criou, com Dr. Gama, também Professor Emérito da FMUSP, o seu Instituto de Ensino, de grande abrangência em pesquisa e tratamento do câncer digestivo, anexo ao Hospital Alemão Oswaldo Cruz, em São Paulo.

Em 2009 fundaram o Instituto Angelita e Joaquim Gama, também anexo ao Hospital Alemão Oswaldo Cruz: uma instituição de ensino e pesquisa.

Em junho de 2020 foi distinguida com a criação de uma Fundação que tem o seu nome, com a finalidade de promover a Coloproctologia em toda a América Latina.

Antes de concluir esta saudação, não posso deixar de referir outro grande feito de Angelita Habr-Gama: foi ela quem implantou a colonoscopia no Brasil com um instrumento de propriedade privada sua, que era por ela levado de hospital em hospital, onde quer que algum paciente necessitasse submeter-se ao importante procedimento;

Em maio de 2004, Dra. Angelita fundou a Associação Brasileira de Prevenção do Câncer de Intestino.

No período de 2008 a 2010 foi ela designada pela WGO (Organização Mundial de Gastrenterologia) como Coordenadora no Brasil do Programa de Prevenção do Câncer Colorretal.

Em agosto de 2018 foi premiada em Londres, por ocasião da 28ª Reunião Bienal da Sociedade Internacional de Cirurgias Universitárias do Cólon e do Reto, instituição que já havia presidido, com o Certificado de Pioneira na especialidade, exaltando-lhe o pioneirismo no tratamento do câncer do reto, como também o fato de que seus esforços têm contribuído, decisivamente, para mitigar sofrimentos em todo o mundo.

Em março de 2020, nossa honorável cientista haveria de enfrentar uma das maiores batalhas de sua vida. Contraiu a COVID-19. Acredita ter sido infectada durante congresso médico internacional em Jerusalém, no final de fevereiro do primeiro ano da pandemia, ocasião em que esteve em contato com muitos orientais. Ao retornar ao Brasil, já bastante cansada lançou o livro sobre ela publicado por Ignácio de Loyola Brandão.

Os sintomas, inicialmente ainda leves, rapidamente se acentuaram e ela teve de ser internada a 18 de março no Hospital Alemão Oswaldo Cruz, onde haveria de permanecer 52 dias na UTI, necessitando ser intubada e assim permanecer durante 50 deles.

Pensou que poderia morrer. Um filme de sua vida chegou a passar por sua mente e ela se deu conta de que já havia vivido o bastante e com boa produtividade. Assim, a morte seria o curso natural. Mas... se desse para esperar um pouco mais seria melhor. “Eu não queria morrer. Acho a vida muito gostosa. Quando acordei

quase dois meses depois e vi todos à minha volta, senti imensa alegria”.

Ao perceber que havia sobrevivido sem sequelas, Dra. Angelita decidiu voltar à realização de suas cirurgias! O marido, Dr. Joaquim Gama, havia sido também atingido, mas curou sem apresentar sintomas.

Depois disso, em novembro de 2021, mereceu da Academia Nacional de Medicina, no Rio de Janeiro, o título de Honorária Nacional.

Após sua proclamação pela Universidade Stanford, nossa notável conterrânea passou a ser amplamente reconhecida como uma das médicas que mais contribuíram para o desenvolvimento da Ciência mundial, o que nos enche do mais legítimo orgulho e justifica a unanimidade da decisão de nossa Diretoria, de elegê-la Membro Honorário da Academia de Medicina do Pará.



Angelita Habr-Gama



Membro Honorário

Sim, amada conterrânea, nossa Academia sente-se altamente honrada com sua admissão na galeria de seus Membros Honorários. Comove-nos poder testemunhar tamanha simplicidade em sua maneira de ser, de agir e tratar, que até parece-nos querer traduzir grandeza do humilde chão marajoara que a viu nascer.

Seja muito bem-vinda, Dra. Angelita! Acolha, com sua habitual simpatia, o imenso júbilo que seus méritos hoje mundialmente reconhecidos suscitam ao coração de seus conterrâneos, sobretudo dos que partilham dos mesmos ideais no nobilíssimo exercício da arte médica.

Que Deus a abençoe, abundantemente, neste saldo de vida ainda tão útil, graças aos numerosos talentos com que a tem contemplado!

Receba o nosso aplauso mais carinhoso e agradecido.

Belém, 4 de novembro de 2022.

